

rebeca



Revista Brasileira
de Estudos de
Cinema
e Audiovisual

***Road movie acadêmico: trilhando os
passos de Eduardo Coutinho no sertão paraibano***

Kamilla Medeiros do Nascimento¹

¹ Mestranda em Comunicação e Cultura no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ), sob orientação da Profa. Dra. Consuelo Lins. Atua como cineclubista, curadora de mostras e festivais de cinema, realizadora audiovisual e representante discente no Conselho Deliberativo da SOCINE na gestão 2021-2023.
E-mail: kamilla.medeiros@gmail.com

**Resumo**

O texto que apresento para a seção Fora de Quadro se trata de uma série de escritos, tanto acadêmicos quanto pessoais, sobre o processo de pesquisa de mestrado em andamento e da experiência de campo sobre a relação entre o cinema de Eduardo Coutinho e a região Nordeste do Brasil. Há também o relato da minha visita à Araçás, em São João do Rio do Peixe, na Paraíba, local da gravação de *O Fim e o Princípio* (2005), em companhia de Rosa, a mediadora do filme.

Palavras-chave: Cinema brasileiro, Documentário, Eduardo Coutinho, Nordeste.

Abstract

The text I present for the Fora de Quadro section is a series of writings, both academic and personal, about an ongoing research process and the field experience on the relationship between Eduardo Coutinho's cinema and the Northeast region of Brazil. There is also the account of my visit to Araçás, in São João do Rio do Peixe, Paraíba, where the filming of *O Fim e o Princípio* (2005) was recorded, in the company of Rosa, the film's mediator.

Keywords: Brazilian cinema, Documentary, Eduardo Coutinho, Northeast.



Parte I - Acasos e as histórias que os filmes não contam

Perguntaram-me diversas vezes o porquê de estar pesquisando sobre o cinema de Eduardo Coutinho no mestrado. Também me pergunto. Qual o sentido de pesquisar sobre o que muitos já falaram sem chover no molhado? Artigos, entrevistas, dissertações, teses, filmes e toda a sorte de relatos. A dúvida é latente e lateja a cada dia. No entanto, uma intuição – sempre ela – emergiu quando me encontrei perdida: talvez fosse interessante perceber como se deu a relação dele, o Coutinho, com o Nordeste brasileiro – lugar ao qual ele retornou diversas vezes em sua filmografia, a começar por *Cabra Marcado Para Morrer*, de 1964/1984. Quem sabe indo por aí algo diferente desponte, pensei. Ou será que somado a isso, justamente, por eu mesma ter nascido e me criado entre a Paraíba e o Ceará, é que algo a mais possa ser encontrado? Talvez por isso eu tenha decidido pôr o pé na estrada. Fato é que no meio do caminho tinha uma pedra... e uma pandemia que retardaram a viagem. Espera essa quase infinita, que bem ou mal me forçou a redefinir as rotas da pesquisa.

Em *O Fim e o Princípio: Entre o mundo e a cena*, Consuelo Lins e Cláudia Mesquita, atribuem esse interesse especial pelo sertão quando comentam que Coutinho conheceu o Nordeste com o cinema (2014: 55). Não por acaso, há exatos 60 anos, em meados de abril de 1962, o então jovem cineasta, recém chegado de Paris, tem o seu primeiro encontro fatídico com Elizabeth Teixeira durante um ato público em Sapé, na Paraíba, pouco tempo após o assassinato de João Pedro Teixeira² (MATTOS, 2019: 46). Na época, envolveu-se com o Centro Popular de Cultura da UNE, por onde pôde pisar pelas bandas de cá pela primeira vez. Decerto já as conhecia de suas vastas leituras, desde Celso Furtado a João Cabral de Melo Neto, passando por Guimarães Rosa e dando a curva por Raquel de Queiroz. “A literatura veio antes do cinema.” Quem relatou isso a mim durante uma conversa recente por telefone foi Liana Maria Aureliano³, economista e grande amiga de Eduardo Coutinho. Descobrimos, dessa vez por acaso, que compartilhamos o mesmo local de nascimento: Patos, uma cidade no sertão central paraibano. Coutinho também passou por lá, mas ainda vamos chegar nesta parte da história.

Voltemos um pouco no tempo. Fortaleza, início de 2018, durante uma semana de aulas sobre documentário brasileiro ministradas pela realizadora carioca Beth

² Em virtude dos 60 anos da morte de João Pedro Teixeira completos em abril de 2022, a convite da Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), organizei a gravação da conversa “Marcharemos em tua luta: 60 anos da morte de João Pedro Teixeira (1962-2022)”. Disponível em: <https://vimeo.com/699693322/4706425e42>. Acesso em: 27 de junho de 2022.

³ Há um belíssimo texto de Eduardo Escorel, escrito em 2019, para a sua coluna na revista Piauí, em que ele cita um sonho que Liana lhe contou após um ano da morte trágica de Coutinho. Vale a leitura. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/eduardo-coutinho-encontros-amorosos/>. Acesso em: 27 de junho de 2022.



Formaggini. Tive um encontro implacável com o que viria a ser meu tema de pesquisa ao escutar em sala de aula que, para Eduardo Coutinho, quando o acaso aparece no filme, ele vira destino. "Se você trabalha bem, o acaso trabalha a seu favor", parafraseando aqui a Beth, que, por sua vez, parafraseia o Coutinho. Desde então fui colecionando pequenos acasos que hoje ecoam no que me dedico a pesquisar. Como exemplo disso, eis que em março de 2019 uma dessas sincronicidades irrompe em pleno carnaval. Há quem tivesse viajado, quem pulasse nas ruas e quem ficasse em casa como eu. (Ironicamente, exato um ano depois, estaríamos em quarentena). Mainha tinha voltado de viagem da Paraíba naquela semana trazendo consigo minha avó. Estávamos reunidas, muita chuva e ventilador ligado porque estava muito, mas muito quente. Era fim de tarde e achei por bem ficar conversando e tomando café com bolachas – sim, ser brasileira é essa contradição mesmo. Decidi, então, fazer uma sessão de cineclubes improvisada e soltei: "Vó, vou mostrar aquele filme pra senhora! Aquele da Elizabeth Teixeira. Mainha, venha ver também!". Era *Cabra Marcado Para Morrer*.

Ficamos ali. Assistindo. Envolvidas. O sol se virou para o outro lado e a nossa sala escureceu, tal qual a de cinema. Só a luz da tela pequena brilhava naquele fim de sábado crepuscular. As caixinhas de som fizeram o seu trabalho e aquelas vozes do passado preencheram a nossa casa. Foi por volta de vinte e dois minutos de filme que minha avó apontou o dedo para aquela imagem na nossa frente e disse que reconhecia um dos doze filhos de Elizabeth, o Abraão. Contou-me que ele foi seu vizinho – moravam quase na mesma rua – no início da década de 1980 lá em Patos, nossa cidade natal. Ali perto da rua do beco, ela disse, algumas tias minhas brincavam com os netos de Elizabeth e João Pedro, os filhos de Abraão. Mainha disse que por ser a filha mais velha, já mocinha, não brincava mais com os pequenos. Não era de se estranhar a lembrança: além de tudo isso, Abraão era jornalista na cidade e, entre os mais velhos, muitos se recordam de sua personalidade forte. Foram muitas as pausas no filme, aqui e acolá mais lembranças daquela época iam sendo ditas, histórias que os filmes não contam. Numa delas, minha avó enfatizou bem a relação com o *Cabra*: o assassinato de Margarida Maria Alves, em 1983, símbolo da luta das mulheres no movimento camponês e presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, também na Paraíba. Mais uma que fora marcada para morrer pelos interesses latifundiários da região.

Naquele fim de tarde, o acaso virou destino. Mesmo de forma indireta, puxando um fiapinho de uma tapeçaria muito maior, senti-me próxima das vidas de Elizabeth e



de Coutinho, senti-me mais próxima do Cinema também. A própria Elizabeth, em um trecho do livro de memórias organizado por Ayala Rocha⁴, diz o seguinte:

“(…) Por coincidência, nesses mesmos dias, Eduardo Coutinho procurou o jornalista João Manoel de Carvalho para ter notícias minhas. Com a anistia, estava querendo dar continuidade ao filme que havia sido interrompido, como sabemos, em 1964, com o golpe militar. Com o endereço fornecido pelo João Manoel, o Eduardo seguiu imediatamente para Patos, para conversar com Abraão. Em Patos, encontrou o Abraão e o Carlos, em preparativos para irem para São Rafael, ao meu encontro. Coutinho decidiu chegar junto com os meus filhos.” (TEIXEIRA apud ROCHA, 2016: 203).

Aos vinte e dois minutos de filme, Coutinho narra esse encontro inesperado entre eles, após longos 17 anos. Noutro livro de memórias⁵, esse organizado por professoras da UnB e UFPB, Lourdes Bandeira, Neide Miele e Rosa Godoy, Elizabeth diz que pouco tempo depois, em 3 de março de 1981, mudou-se para Patos e por lá ficou até 1985. Minha família foi vizinha deles a partir de 1982/83. É extremamente provável e comovente que minha avó, meu avô, mainha e minhas cinco tias tenham cruzado o caminho de Elizabeth.

Parte II - Quando tudo principia...

Entre junho e agosto de 2020, em plena pandemia, dedico-me a organizar uma mostra intitulada *Fabulações no Real*⁶, com oito sessões virtuais, distribuídas entre os meses de setembro a dezembro daquele ano. Foram debatidos doze filmes brasileiros lançados entre 2020 e 1974, longas e curtas-metragens: *Partida* (2020) de Caco Ciocler; *Lembro Mais dos Corvos* (2018) de Gustavo Vinagre; *Ruim é ter que trabalhar* (2015), *Aluguel: o filme* (2015) e *Filme de domingo* (2020) de Lincoln Péricles; *A falta que me faz* (2009) de Marília Rocha; *Girimunho* (2012) de Clarissa Campolina; *O Fim e o*

⁴ Advogada, cofundadora ao lado de Vanderley Caixe do Centro de Defesa dos Direitos Humanos - Assessoria e Educação Popular em 1981, em João Pessoa. Teve papel decisivo no trabalho com mulheres camponesas e, nesse processo, ouvindo durante meses Elizabeth, nasceu o livro *Elizabeth Teixeira: mulher da terra*, tendo a sua primeira edição lançada em 2009.

⁵ O livro *Eu marcharei na tua luta! A vida de Elizabeth Teixeira* foi publicado em 1997, sendo gestado desde 1985, após um encontro comemorativo do Dia Internacional da Mulher, com a presença de Elizabeth.

⁶ As gravações dos oito debates podem ser assistidas no canal do YouTube da Escola Porto Iracema das Artes. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLwGS9mY2KyNL4Hy3j6KVZPmHPs4ExmLSv>. Acesso em: 27 de junho de 2022.

Princípio (2005) de Eduardo Coutinho; *Pajeú* (2020) e *Retratos de uma paisagem* (2012) de Pedro Diógenes; *O Fim do sem Fim* (2001) de Cao Guimarães, Beto Magalhães e Lucas Bambozzi; e *Iracema, uma transa amazônica* (1974) de Jorge Bodanzky e Orlando Senna. O próprio processo de curadoria e de reflexão pelos debates trata de evidenciar e questionar o que cada filme traz em si mesmo e em comparação aos outros. Dentre as participações nas conversas, podemos destacar as falas de Jacques Cheuiche, Cláudia Mesquita, Carlos Alberto Mattos, Cao Guimarães e Consuelo Lins, convidadas e convidados que destaco como importantes para o amadurecimento do que viria a ser a minha pesquisa atual. Naquele momento, quis testar o potencial que o debate levantaria. Gosto de pensar nisso [o cineclube] como uma espécie de laboratório, onde podemos fazer as nossas experiências com os objetos de estudo. Certamente, os debates são ambientes férteis, que, por vezes, envolvem-nos de maneira saudável e vivificante.



Figura 1: Montagem de frames de *O Fim* e *o Princípio* (2005), dirigido por Eduardo Coutinho. (Acervo pessoal).

A escolha por *O Fim* e *o Princípio* foi completamente intencional, mas ao mesmo tempo, uma aposta. Vejamos. No final do livro *O documentário de Eduardo Coutinho – televisão, cinema e vídeo*, escrito por Consuelo Lins (2004), é possível encontrar duas páginas e meia intituladas de *Projetos*, aspas do próprio Coutinho durante uma conversa com a autora do livro, numa espécie de posfácio, a falar acerca de uma ideia para um filme.

“Qual a razão para querer fazer agora um filme em um distrito rural do Nordeste? Porque eu quero fazer o contrário da cidade grande. Cidade grande é Peões, Master, Babilônia -



tudo isso é cidade grande. Agora eu quero voltar para o campo, mas sem tema. Uma vila rural que mal tenha televisão. O meu prazer seria encontrar um núcleo geográfico e fazer um filme inteiramente neste lugar, sem pesquisa e com uma equipe mínima, quatro ou cinco pessoas. Não há por que ter um tema. O que é a vida em uma vila? E por que no sertão nordestino? Porque lá a invenção verbal é muito forte. O lugar no Brasil onde se inventa melhor é no sertão.” (COUTINHO apud LINS, 2004: 189-90).

A sinopse do filme sintetiza de maneira ímpar o que diretor pretendia e logrou em realizar, e o que eu estava me interessando como pesquisadora: Coutinho no Nordeste, nos rincões do sertão da Paraíba de Elizabeth [e minha também], correndo atrás dos acasos e de gente boa de conversa. Sem pesquisa prévia de personagens e de locações, nem temas necessariamente definidos, a equipe da VideoFilmes⁷ viaja até João Pessoa e de lá segue para o interior, na pista de um guia turístico que lhes indicou um bom hotel [Brejo das Freiras] em São João do Rio do Peixe. Já hospedados, a diretora de produção, Raquel Zangrandi, em contato com a recepção, ouve o nome de Rosilene Batista, a Rosa, na época professora da alfabetização e voluntária da Pastoral da Criança. Ali encontram a mediadora que precisavam. No início do filme, podemos ouvir a narração nos guiar por esse trajeto até chegar ao Sítio Araçás, onde a família de Rosa mora. Uma comunidade rural onde vivem mais de 80 famílias, quase todas ligadas por laços de parentesco. É graças à mediação de Rosa que os moradores, na maioria idosos, contam suas vidas. Esse filme, vamos lembrar, é o derradeiro longa-metragem de uma fase da obra de Eduardo Coutinho. Dali pra frente, iniciava-se uma nova fase, com títulos como *Jogo de Cena* (2007), *Moscou* (2009), *Um dia na vida* (2010), *As canções* (2011) e o póstumo *Últimas conversas* (2015). Sem esquecer de mencionar o seu último retorno ao Nordeste pouco antes de sua morte, em 2013, ao voltar à Paraíba e Pernambuco para a gravação dos extras do DVD de *Cabra Marcado Para Morrer* (1964-84): *A família de Elizabeth Teixeira* (2014) e *Sobreviventes de Galileia* (2014).

⁷ Produtora audiovisual fundada por Walter Salles e João Moreira Salles. Dentre os filmes de Eduardo Coutinho, produziu: *Babilônia 2000* (2001), *Edifício Master* (2002), *Peões* (2004), *O Fim e o Princípio* (2005), *Jogo de Cena* (2007), *Moscou* (2009), *Um dia na vida* (2010), *As Canções* (2011) e *Últimas Conversas* (2014).



Na imagem a seguir, temos de cima para baixo, Jacques Cheuiche, Kamilla Medeiros, Cláudia Mesquita e Carlos Alberto Mattos e ao centro uma foto still das gravações.



Figura 2: Captura de tela do debate sobre *O fim e o Princípio* (Acervo pessoal).

Já a Rosa, é ela quem aparece de costas na foto, do lado direito junto à porta. Aliás, o Jacques, diretor de fotografia dos filmes da segunda fase da obra de Eduardo Coutinho, disse-nos o seguinte ao vivo, reforçando mais o meu interesse:

“Eu acho que *O fim e o Princípio* é o filme que mais chegou perto da identidade dele, sabe? Da identidade interior. Ele tem uma vida no Nordeste. Todos os trabalhos, o casamento, o filme melhor... Cabra [Marcado para Morrer]... Ele usou o Nordeste como locação na maioria dos trabalhos. Então quando a gente voltou pra Araçás, a gente entrou numa zona de conforto. (...) Pra mim é o melhor filme que eu fiz com ele, com certeza. Hoje eu sei.”⁸

Após a conversa, de novo o acaso. Descobri que Rosa havia assistido ao debate e que nos deixou um recado atencioso nos comentários do vídeo que ficou gravado no YouTube. Segue um trecho do que ela escreveu:

“(...) Estou feliz em rever o Jacques colocando cada detalhe do decorrer da produção do filme, parece até que estou

⁸ A transcrição da fala de Jacques Cheuiche é referente ao vídeo *Mostra Fabulações no Real: debate sobre o filme "O fim e o princípio", de Eduardo Coutinho*, realizado no dia 17 de novembro de 2020 no canal do YouTube da Escola Porto Iracema das Artes, de Fortaleza. Disponível em: https://youtu.be/KV78pzB_4JM. Acesso em: 27 de junho de 2022.



vivendo aquele momento agora. Foi único em poder participar e contribuir com esse momento. Apesar de não entender sobre o assunto, estabeleceu-se uma certa sintonia comigo e a equipe em especial de Coutinho. É interessante tudo o que Jacques fala, a relação do Coutinho e a Mariquinha foi forte, no dia da despedida ela chorou e ele demonstrou uma certa tristeza, ela ficou com aquela foto com ele e tinha muita satisfação em falar às pessoas sobre ele. (...) O Coutinho com aquele jeito de se aproximar das pessoas, de ouvir, falar, demonstrando simplicidade no vestir, enfim ... conquistou a todos. Coutinho estabeleceu uma certa amizade comigo e os personagens, pois sempre em final e início de ano sempre ligava para desejar feliz natal e ano novo, pra mim, minha família e os demais da comunidade. Ele sempre perguntava por cada um. Quem morreu, quem tava vivo. (...).⁹

Eu não havia entrado em contato com ela, avisando, nem nada. Ainda não nos conhecíamos. O anúncio da nossa conversa online deve ter chegado até ela por outros caminhos. Curioso isso, porque algo semelhante aconteceu durante o debate de *O Fim do Sem Fim*¹⁰ (2001) com Cao Guimarães e Consuelo Lins. Inesperadamente, um dos personagens estava nos assistindo ao vivo e falou conosco pelo chat: “O relojoeiro Fiorelli aqui de São Paulo. E estou ainda trabalhando com relógios. Abraço Cao”. Augusto Cesar Sampaio Fiorelli seguiu na profissão tida em vias de desaparecer. Tremenda coincidência novamente, ou será que não? É mesmo *o fim e o princípio do fim do sem fim!*

Parte III - Um domingo em Araçás

Finalmente, em maio deste ano, entrei em contato com a Rosa. Eu sabia que ir até onde o filme tinha sido gravado não era algo impossível, bastava pegar um ônibus e descer até a Paraíba. Protelei o tanto que pude por causa da pandemia, mas a pesquisa já não podia mais esperar. Por telefone combinamos a minha ida à Araçás. Nesse meio tempo, descobri que não havia ônibus todos os dias saindo de Fortaleza com destino

⁹ O comentário de Rosilene Batista, a Rosa, pode ser igualmente conferido na íntegra no link do mesmo vídeo *Mostra Fabulações no Real: debate sobre o filme "O fim e o princípio", de Eduardo Coutinho*, realizado no dia 17 de novembro de 2020 no canal do YouTube da Escola Porto Iracema das Artes, de Fortaleza. Disponível em: https://youtu.be/KV78pzB_4JM. Acesso em: 27 de junho de 2022.

¹⁰ Debate realizado no dia 01 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/oONxSt3T4eU>. Acesso em: 27 de junho de 2022.



direto a São João do Rio do Peixe. Eu tinha apenas o final de semana para a minha aventura dar certo, então, foi tudo muito rápido, do momento em que ela topou me receber até o desembarque na rodoviária. Sendo assim, precisei descer na cidade vizinha, Cajazeiras, e de lá pegar uma carona com a própria Rosa e seu irmão, José, que, gentilmente, foram me buscar. A graça é que não fui reconhecida de imediato porque além da máscara tampando o rosto, o cabelo estava curtíssimo. Rosa lembrava da minha versão de cabelos compridos da época em que ela assistiu a conversa que tive com Jacques, Cláudia e Carlinhos. Cerca de 30 minutos depois, eu devia estar fazendo o mesmo trajeto que a equipe do filme deve ter feito para entrar em São João. Ainda no carro, olhando a estrada pela janela, senti o turbilhão de emoções que estava represado desde que iniciei o mestrado. Estava ali em campo fazendo o meu próprio *road movie*, só que acadêmico e um tanto afetivo. No caminho até a casa de Rosa, quase deu pra escutar a voz do Coutinho ecoando sua narração inicial: “Viemos à Paraíba pra tentar fazer em quatro semanas um filme sem nenhum tipo de pesquisa prévia. Nenhum tema em particular, nenhuma locação em particular. Queremos achar uma comunidade rural de que a gente goste, que nos aceite (...)” (O FIM., 2005).

Sem qualquer consciência disso, fui avisada de que cheguei mais ou menos na mesma época que o pessoal do filme em 2004, era junho e em clima de festa. O dia foi cheio, Rosa já tinha planejado tudo, disse quem ainda estava vivo e, para o meu espanto, era mais do que eu imaginava: o casal Rita e Zequinha, Lice, a última dos três irmãos, e Antônia, viúva de Vigário. Logo cedo seguimos para Araçás, uns vinte minutos até lá. O que seria só mais um domingo em família, para mim foi especial. Tentava lembrar das sequências e dos planos na minha cabeça enquanto o carro avançava na estrada de terra, quando José me avisa que estávamos chegando na casa de seus pais, Maria e Geraldo, que também estão no filme. A cena da van fazendo a curva e Coutinho dizendo que não tinha telefonado avisando da visita saltou na lembrança. Pude notar que a cor das paredes agora é amarela e o entorno muito mais verde. Rosa vinha logo atrás com sua moto. Fui guiada até a cozinha, sentamos na mesma mesa em que ela desenhou o mapa de Araçás e traçamos ali o nosso mapa de agora.

Tive duas mediações nessa viagem: Rosa e Coutinho. Ela, por ser naturalmente comunicativa e costureira de encontros. Foi fácil perceber a sorte que tiveram ao tê-la como guia nas gravações. Por onde passava, abria os caminhos. Bastava subir na garupa da moto e Rosa me levava. Ele [Coutinho], por estar conosco de outra forma. Sua foto estampa a capa do livro lançado, em 2019, por Carlos Alberto Mattos. Pegava emprestada a sua face para se fazer presente entre nós. Fazia assim, sacava o livro da mochila e o mostrava para refrescar a memória dos mais velhos. E deu certo. Zequinha,



hoje com seus 81 anos, olhou e disse com sua fala mansa e baixinha: “Nem parecia que ele vinha fazer nada”. E esse nada era o que de melhor ele sabia fazer. Dona Rita, com 89 anos, estava deitada em sua redinha quando chegamos. Fragilizada pela idade, mas sem parar de conversar um minuto sequer, uma simpatia que os anos não apagam. O mesmo se aplica à união entre o casal, o companheirismo de uma vida inteira em nossa frente. Não havia muito o que dizer, a pretensão nunca foi a de fazer mil e uma perguntas. Creio que a experiência por si só já estava me fazendo compreender o essencial.

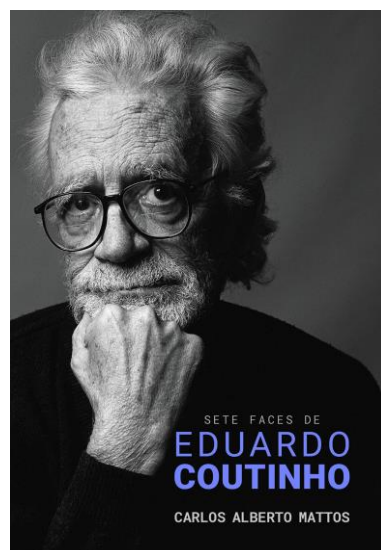


Figura 3: Capa do livro *Sete faces de Eduardo Coutinho*, escrito por Carlos Alberto Mattos (Reprodução).

Antes de seguirmos as visitas aos que foram personagens, passamos pelas antigas casas de Leocádio e Vermelha, eles haviam sido vizinhos. Primeiro descemos na casa de Vermelha, seus dois filhos estavam sentados na entrada. Deviam estar matando o tempo após o almoço. Pedimos licença e entramos só para constatar que continuava do mesmo jeitinho. Era uma promessa feita à falecida mãe, que deixariam tudo como ela gostava. No embalo, fomos até a casa que era de Leocádio, hoje comprada e parcialmente reformada por um dos filhos, que nos recebeu. Abrimos a porta e entrei na cova dos leões – como ele falava –, e de dentro abri a janela por onde Leocádio recebeu Coutinho e Rosa. Depois fomos para a próxima parada, até a Lice. Hoje mora sozinha na mesma casa, as paredes seguem salpicadas de imagens de santos, fotos de família, até mesmo um retrato de seu irmão Zequinha Amador tirado à época das gravações, e colagens, muito colagens dos poemas que ela escreveu em pequenos pedaços de papel. Um deles dizia: “Você sabe que não sabe metade do que



sabia”. E um outro temos: “Em sonho sonhei sonhando. / O que sonhava, eu não sei”. A conversa fluiu fácil, sem alardes, nem entraves. Consegui imaginar a satisfação do Coutinho em falar com ela e a simplicidade em como se deram aqueles encontros entre completos desconhecidos. No meio da sala daquela casa antiga, mais antiga do que pudesse sonhar sonhando, Rosa estava comigo e parecia até que eu já conhecia todo mundo ali. Talvez o filme dê essa impressão mesmo, como uma memória pessoal que fica com a gente. Um *déjà vu* cinematográfico na nossa cabeça. A última visita foi mais rápida, o sol já estava quase no poente quando avistamos Antônia. Ela aparentava menos lucidez do que Rita, mas foi só perceber a nossa presença que logo entrou em casa e, quando voltou, estava com outro vestido, agora um bem florido. Um velho hábito que está registrado no filme e agora em texto. O passeio termina, voltamos de moto à casa de Dona Maria e Seu Geraldo, tomamos café, conversamos mais um pouco e nos despedimos. Acho que senti o mesmo que Mariquinha, ou coisa parecida, ao se despedir de Coutinho. À noite, já perto de ir embora, Rosa me mostra um álbum de fotos e recortes de jornais. Na capa, num pedaço de papel, estava escrito *O FIM E O PRINCÍPIO*. Nada mais poético do que isso.



Figura 4: Reunidos na casa de Dona Maria e Seu Geraldo, em Araçás (Acervo pessoal).

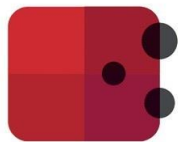


Figura 5: Rita, Zequinha e Rosa (Acervo pessoal).



Figura 6: Cadeiras no terreiro (Acervo pessoal).



Figura 7: Rita nos vendo partir (Acervo pessoal).

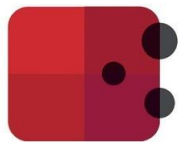


Figura 8: Rosa e um dos filhos de Vermelha (Acervo pessoal).



Figura 9: Vista para a antiga casa de Leocádio (Acervo pessoal).



Figura 10: Da janela da cova dos leões (Acervo pessoal).



Figura 11: Lice e Rosa (Acervo pessoal).



Figura 12: Foto da foto, retrato de Zequinha Amador na época do filme (Acervo pessoal).

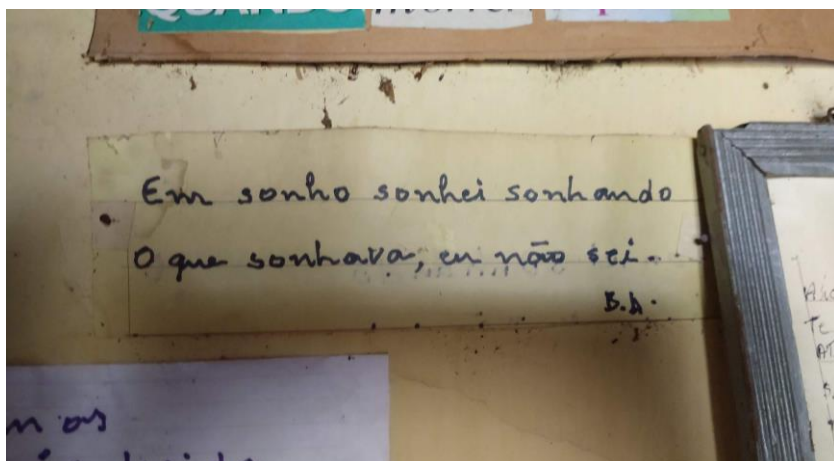


Figura 13: Poeminha de Lice, assinado com nome de batismo, Brasilissa Amador (Acervo pessoal).



Figura 14: Lice e eu na porta da casa (Acervo pessoal).



Figura 15: Mesma paisagem que vemos por volta de uma hora de filme (Acervo pessoal).



Figura 16: Antônia já de vestido trocado e florido (Acervo pessoal).



Figura 17: Fim do passeio em Araçás (Acervo pessoal).



Figura 18: Despedida com Dona Maria (Acervo pessoal).

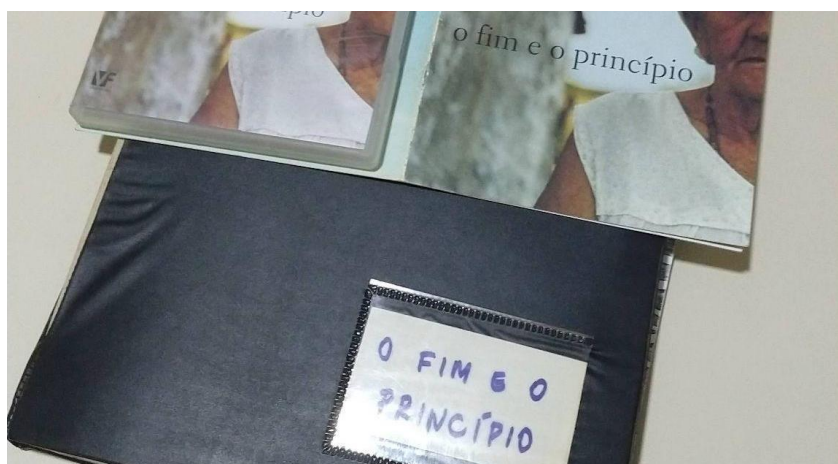


Figura 19: Álbum de fotos e recortes que Rosa mantém até hoje (Acervo pessoal).



Bibliografia

BANDEIRA, Lourdes Maria; et al. (Org.). Eu marcharei na tua luta – A vida de Elizabeth Teixeira. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1997.

LINS, Consuelo. O documentário de Eduardo Coutinho - televisão, cinema e vídeo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. O Fim e o Princípio: Entre o mundo e a cena. Novos estudos – CEBRAP, v. 99, jul. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/jZW7CjJYGtVjS98cXVYntRK/?lang=pt>. Acesso em: 20 de junho de 2022.

MATTOS, Carlos Alberto. Sete faces de Eduardo Coutinho. São Paulo: Boitempo, Itaú Cultural, Instituto Moreira Salles, 2019.

ROCHA, Ayala A. Elizabeth Teixeira: Mulher da Terra. 2 ed. João Pessoa: CCTA, 2016.

Filmes

CABRA Marcado Para Morrer. Direção: Eduardo Coutinho. Produção de Zelito Viana. Rio de Janeiro: Mapa Filmes, 1964-84, 1 DVD (119 min).

O FIM e o Princípio. Direção: Eduardo Coutinho. Produção de Maurício Andrade Ramos e João Moreira Salles. Rio de Janeiro: VideoFilmes, 2005, 1 DVD (109 min).